

# O livro resiste



**José Sarney,**  
ex-presidente da República,  
é senador e integrante da  
Academia Brasileira de Letras

POST QQS

ELIO GASPARI, HÁ ALGUNS ANOS, escreveu que duas coisas jamais desapareceriam: o livro e o jornal.

Eles venceriam todas as tecnologias de informação e com elas disputariam o seu espaço. Li, ontem, em Clóvis Rossi, que a crise dos jornais fez parte da agenda do Fórum Econômico de Davos, com a conclusão de que ainda não é hora do suicídio. Eterna vida.

Com o livro nesta cesta, creio que nenhum dos dois sumirá do mapa. O aquecimento global pode levantar o nível dos mares e a água invadirá as cidades, mas salvaremos os livros, se não pudermos salvar os prédios das bibliotecas.

É que o livro e o jornal são tecnologias avançadíssimas. A história só existe a partir do livro. Sem Homero, cego, descrever a Guerra de Tróia, nada saberíamos sobre a antigüidade. Relembro que

graças a *Ilíada*, Schliemann descobriu Tróia.

Há 40 anos comecei a luta, isolado, para o Brasil iniciar um programa de incentivos fiscais para a cultura, minha causa par-

## Cheguei a uma cidade na fronteira com a Guiana Francesa. O povo ali não queria nada além de livros

lamentar. Depois de apresentar quase uma dezena de projetos, tive a felicidade de, como presidente da República, fazê-los realidade.

Mas ainda precisamos prote-

ger o livro. Apresentei um projeto já sancionado de Estatuto do Livro e outro para a criação de um fundo para difusão da leitura e proteção ao livro.

Precisamos socorrer as bibliotecas, disseminá-las por todos os municípios do Brasil. Gilberto Dimenstein nos conta de experiências simples para resolver grandes problemas. Dá um exemplo: a bibliojegue, que é uma biblioteca ambulante colocada em jumentos distribuindo livros na área rural. No Amapá é um sucesso a Arca do Livro. Um baú cheio de livros levado a localidades isoladas na floresta, onde o livro é recebido como rei.

Na última eleição cheguei a Calçoene, um pequeno município quase na fronteira do Brasil com a

Guiana Francesa. O que me pediram? Estradas, hospitais, casas? "Senador, mande livros para nós. Livros!". Meu coração doeu e dessa dor quero comungar com todos os meus leitores.

O livro tem sido muito perseguido. Queimaram-se livros por religião, por ideologia, por preconceito. Queimam-se bibliotecas para acabá-lo como propulsor de idéias. Não foi só a Biblioteca de Alexandria; mas a Corvina, fundada pelo rei Matias Corvino em 1476, na Hungria; a Fatímidia, no Egito, com mais de cem mil livros; e milhares e milhares delas. Livros isolados, não sei quantos: bilhões.

Mas ele resiste e resistirá, com o jornal – que é como seu derivado.